



## CAPÍTULO I

**M**inha mãe costumava me contar histórias sobre o oceano. Ela dizia que havia um lugar onde tudo o que existia era água, até onde nossos olhos pudessem enxergar e que o oceano estava sempre em movimento, se jogando contra você e então indo embora. Ela uma vez me mostrou uma fotografia que ela disse ser de minha tataravó em pé no oceano quando ainda era uma menininha. Vários anos se passaram e a fotografia se perdeu em um incêndio muito tempo atrás, mas eu me lembro dela, desbotada e desgastada. Uma garotinha rodeada pela imensidão.

Nas histórias de minha mãe, que foram passadas a ela por seus antepassados, o som do oceano era como o do vento passando através das árvores e os homens costumavam caminhar na água. Uma vez, quando eu já era mais velha e nossa vila estava sofrendo com a seca, eu perguntei a minha mãe porquê, se tanta água existia, havia anos que nossos córregos estavam

praticamente secos? Ela me disse que a água do oceano não podia ser bebida – que a água era repleta de sal.

Foi nesse momento que eu deixei de acreditar em suas histórias sobre o oceano. Como poderia existir tanto sal no universo e como Deus iria permitir que tanta água se tornasse inutilizável?

Mas havia vezes quando eu me aproximava do limite da Floresta de Mãos e Dentes e olhava para a selva que se estendia ao infinito e imaginava como seria se tudo aquilo fosse água. Eu fecho meus olhos e escuto o vento nas árvores e imagino um mundo onde nada além de água passe pela minha cabeça.

Esse seria um mundo sem os Profanos, um mundo sem a Floresta de Mãos e Dentes.

Frequentemente minha mãe colocava-se junto a mim e erguia a mão sobre os olhos para bloquear o sol e olhar além da cerca, observando as árvores e moitas, na esperança de ver seu marido regressando para casa.

Ela é a única que acredita que ele não se transformou, que ele ainda pode voltar para casa o mesmo homem que ele era quando partiu. Eu desisti de meu pai meses atrás e enterrei a dor de perdê-lo o mais profundamente possível de modo que eu pudesse continuar com o meu dia-a-dia. Agora eu tenho medo de me aproximar do limite da Floresta e olhar através da cerca. Eu tenho medo de vê-lo lá entre os outros: roupas esfarrapadas, pele flácida, o terrível e articulado gemido e os dedos em carne-viva de tanto puxar as cercas de metal.

Que ninguém o tenha visto dá esperanças a minha mãe. De noite ela reza a Deus para que ele tenha encontrado algum tipo de refúgio como nossa vila. Que em algum lugar na densa Floresta ele tenha encontrado segurança. Mas ninguém mais tem esperança. A Irmandade nos conta que a nossa é a única vila que restou no mundo.

Meu irmão Jed se tornou voluntário em turnos extras nas patrulhas de Guardiões que monitoram a linha da cerca. Eu sei que, como eu, ele acha que nosso pai foi perdido para os Profanos e que ele espera encontrá-lo durante uma das patrulhas no perímetro e matá-lo antes que nossa mãe possa ver em que seu marido se transformou.

As pessoas da nossa vila enlouquecem ao verem os seus entes queridos transformados em Profanos. Foi uma mulher – uma mãe – terrificada com a visão de seu filho infectado durante uma patrulha, que se jogou sobre o fogo e queimou metade de nossa vila. Esse foi o incêndio que destruiu a herança de minha família quando eu era criança, que extinguiu nossas únicas ligações com quem nós éramos como pessoas antes do Retorno, embora a maior parte estivesse tão corrompida que só restavam apenas fragmentos de memórias.

Jed e eu tínhamos mais atenção com nossa mãe agora e nós nunca deixávamos que ela se aproximasse da cerca desacompanhada. Algumas vezes Beth, a esposa de Jed, costumava se juntar a nós nessas vigílias até que ela foi colocada em repouso por causa da gravidez. Agora éramos apenas nós.

Um dia, o irmão de Beth se aproximou de mim enquanto eu estava lavando nossas roupas no córrego que se ramifica no rio principal. Até onde eu me lembrava Harold tinha sempre sido meu amigo, um dos poucos em nossa vila da minha idade. Ele me trouxe um punhado de flores silvestres para meus lençóis ensopados e nos sentamos e observamos a água correr embaixo das pedras enquanto ele torcia os lençóis em complicados movimentos para secá-los.

- Como está sua mãe? Ele me pergunta, pois acima de tudo, é educado.

Eu curvo minha cabeça e lavo minhas mãos na água. Eu sei que eu deveria voltar para ela, que eu já tirei muito tempo para mim hoje e que ela provavelmente está ansiosa, esperando por mim. Jed está fora em uma longa patrulha pelos perímetros,

checando a força das cercas, e minha mãe gosta de passar suas tardes perto da Floresta procurando por meu pai. Eu preciso estar lá para confortá-la se o encontrarmos. Para afastá-la da cerca se ela o encontrar.

- Ela ainda tem esperanças, eu digo.

Harry estala sua língua, mostrando a sua compreensão. Ambos sabemos que não há motivos para ter grandes esperanças.

As mãos dele procuram e agarram as minhas debaixo da água. Eu sabia que isso ia acontecer há meses. Já tinha reparado no modo como ele me olhava agora, como seu olhar havia mudado. Como a tensão tinha invadido nossa amizade. Nós não éramos mais crianças há alguns anos.

- Mary, eu... - Ele para por um segundo. - Eu gostaria que você fosse comigo na Festa da Colheita no próximo fim de semana.

Eu olho para nossas mãos debaixo da água. Eu posso sentir meus dedos se enrugando com o frio, e a pele dele é tão macia e carnuda. Eu penso na proposta dele. A Festa da Colheita é o período no outono em que aqueles em idade de se casar se declaram uns aos outros. É o início do namoro, o período durante os curtos dias de inverno onde os casais decidirão se eles podem formar um par compatível. Quase sempre os namoros terminarão na primavera com a Festa da Renovação – uma semana de celebração dos votos de casamento e batismos. É muito raro que um namoro termine. Casamento em nossa vila não está relacionado com amor – está relacionado com compromisso.

A cada ano eu penso nos casais se formando ao meu redor. Como os meus amigos de infância de repente encontram seus pares, se juntam, e se preparam para o próximo passo. Comprometem-se uns com os outros e começam o namoro. Eu sempre pensei que o mesmo iria acontecer comigo quando chegasse à hora. Que por causa das doenças que dizimaram tantos de nós quando eu era criança, seria muito mais importante

que aqueles entre nós em idade de se casar encontrassem um par. Tão importante que não sobraria garotas disponíveis para dedicar a vida à Irmandade.

Eu até mesmo esperei que talvez eu tivesse sorte suficiente de encontrar mais do que um pretendente, para eventualmente encontrar o amor como minha mãe e meu pai.

E ainda assim, mesmo que eu fosse uma das poucas em idade de se casar nos últimos dois anos, fui deixada de lado.

Passei as últimas semanas lidando com o desaparecimento de meu pai. Lidando com o desespero e desolação de minha mãe. Com a minha própria dor e desolação. Até esse momento eu não tinha pensado que eu poderia ser a última a ser convidada para a Festa da Colheita. Ou mesmo que poderia ser deixada à margem.

Parte de mim não conseguiu deixar de pensar no irmão mais novo de Harry, Travis. Era a atenção dele que eu estava tentando atrair durante o verão, a sua amizade que eu queria transformar em algo mais. Mas ele nunca correspondeu as minhas sutis e embaraçosas investidas.

Parecendo estar lendo minha mente, Harry diz:

- Travis vai levar Cassandra. - Não posso deixar de me sentir vazia e minúscula e com raiva de minha melhor amiga por ter conseguido aquilo que eu não havia. Ela havia atraído a atenção de Travis e eu não.

Eu não sei o que dizer. Eu penso na forma como o sol ilumina a face de Travis quando ele sorri e fito os olhos de Harry tentando encontrar a mesma luminosidade. Eles são irmãos, afinal de contas, nasceram com cerca de um ano de diferença. Mas nada mais sinto, além das mãos dele nas minhas, debaixo da água.

Não respondo, opto por sorrir ligeiramente, aliviada porque pelo menos alguém havia me convidado, enquanto parte de mim tenta imaginar se a nossa velha amizade poderá se transformar em algo mais durante os escuros meses de namoro que aconteceriam no inverno.

Harry mostra um largo sorriso e aproxima seu rosto do meu e eu não consigo deixar de pensar em como nunca tinha desejado que fosse com ele o meu primeiro beijo. Então, antes que os lábios dele tocassem os meus, ouvimos aquilo.

A sirene. Ela é tão velha e raramente usada nesses dias que o som arranca com um estalo e com um soluço ruidoso para só depois soltar seu grito forte.

Os olhos de Harry encontram os meus, seu rosto agora se afasta um pouco.

- Havia alguma simulação prevista para hoje? – pergunto.

Ele sacode a cabeça, seus olhos estão tão arregalados quanto os meus devem estar. O pai de Harry é o líder dos Guardiões e ele saberia dizer se alguma simulação estava prevista. Eu me levanto, pronta para regressar correndo à vila. Cada centímetro da minha pele vibra, meu coração apertado como um punho fechado. A única coisa em que consigo pensar é minha mãe.

Harry agarra meus braços e me puxa para trás.

- É melhor ficarmos aqui – ele diz. – É mais seguro. E se a cerca foi quebrada? Temos que encontrar uma plataforma.

- Eu era capaz de ver o terror nos olhos dele. Os dedos dele apertavam meu pulso quase se enterrando dentro dele mas eu continuava lutando, tentando me afastar de suas mãos e de seu corpo até me libertar.

Caminho até o topo da colina me dirigindo para o centro da aldeia, ignorando o caminho sinuoso e escolhendo me agarrar aos ramos e videiras para escalar a encosta íngreme. Enquanto subo eu olho para trás, para Harry, que permaneceu junto a água. Ele tapa seu rosto com as mãos como se não suportasse a visão daquilo que estaria acontecendo em nossa vila. Eu vejo seus lábios se moverem, como se ele estivesse me chamando, mas tudo que eu consigo ouvir é a sirene – o som da sirene queima meus ouvidos e ecoa pelo meu corpo.

Toda a minha vida foi condicionada por aquela sirene. Antes que eu pudesse caminhar eu já sabia que a sirene significava

morte. Significava que de alguma forma a cerca havia sido derrubada e que os Profanos estavam entre nós. Significava pegar em armas, se dirigir para as plataformas e levantar as escadas – mesmo que isso significasse deixar alguns dos nossos para trás.

Quando eu era pequena minha mãe costumava me contar como no início, quando minha tataravó ainda era uma criança, o som da sirene era ouvido constantemente enquanto a aldeia era assolada pelos Profanos. Mas, então, a cerca foi fortificada, os Guardiões foram criados e os Profanos diminuindo com o passar do tempo até se chegar ao ponto em que eu não me lembrava de uma única vez, nos últimos anos, em que a sirene tivesse produzido o seu lamento, sem ser em uma simulação. Eu sei que desde que nasci houve brechas na cerca, mas eu sei também que sou muito boa em bloquear memórias que não me servem a nada. Eu tenho medo dos Profanos, mesmo sem essas memórias.

Quanto mais me aproximo dos limites da aldeia mais lentamente caminho. Eu já consigo ver que as plataformas aninhadas no topo das árvores estão cheias; algumas já puxaram as escadas para cima. O caos reina ao meu redor. Mães arrastam seus filhos e as ferramentas usadas no dia-a-dia abandonadas pelo chão, em meio ao pó e a grama.

E então a sirene cala-se. O silêncio se impõe e todos ficam petrificados. Um bebê recomeça a chorar, uma nuvem passa na frente do sol. E eu vejo um pequeno grupo de Guardiões arrastando alguém até a Catedral.

- Mamãe – suspiro, um turbilhão de emoções assolando meu peito. Porque, de alguma forma, eu sabia. Sabia que não deveria ter demorado tanto no riacho com Harry, que eu não deveria ter deixado ele segurar minha mão enquanto mamãe estava me esperando para acompanhá-la até a cerca.

Caminho de costas bem retas em direção a entrada da Catedral, um prédio antigo feito em pedras muito antes do

Retorno. A sua pesada porta de madeira está aberta e meus vizinhos se afastam quando vêem que eu me aproximo mas ninguém olha em meus olhos. No meio da multidão eu ouço alguém murmurar.

- Ela estava muito próxima da cerca, ela deixou que um deles a agarrasse.

No interior, era como se as paredes de pedra eliminassem o calor do dia. Os pêlos dos meus braços eriçam-se. A luz é fraca e eu vejo as irmãs rodeando uma mulher que está ajoelhada gemendo mas que ainda não havia sido transformada. Minha mãe sabia que nunca deveria se aproximar demais da cerca – dos Profanos. Muitos em nossa vila haviam se perdido dessa forma. Só poderia ter sido meu pai que ela viu junto à cerca e eu fecho meus olhos assim que a dor, até então escondida bem fundo no meu íntimo, se apodera de novo do meu corpo.

Eu deveria ter estado com ela.

Quero enroscar-me em mim mesma, para me esconder de tudo o que aconteceu. Mas, em vez disso, aproximo-me de minha mãe e ajoelho-me, repousando a cabeça em seu colo e segurando uma de suas mãos para colocá-la em meus cabelos.

Se eu fosse capaz de capturar a essência da minha vida, ela seria assim: minha cabeça apoiada no colo de minha mãe, as suas mãos passando suavemente pelos meus cabelos, ambas sentadas em frente à lareira enquanto ela me conta histórias, herdadas das mulheres de nossa família, sobre a vida antes do Retorno.

Agora as mãos de minha mãe estão pegajosas e eu sei que elas estão cobertas de sangue. Eu fecho meus olhos para não ver a cena, para não ver a gravidade dos ferimentos.

Minha mãe está mais tranquila, suas mãos instintivamente passeando pelos meus cabelos, retirando o lenço que cobre minha cabeça. Ela está balançando e dizendo alguma coisa em voz baixa, enquanto respira, que eu não consigo entender.



Por enquanto, as Irmãs mantêm-se afastadas. Juntaram-se em um canto com a elite dos Guardiões – A Guilda – e eu sei que eles estão decidindo o destino de minha mãe. Se ela foi apenas arranhada eles a colocarão em quarentena mesmo que ela não tenha sido infectada. Mas se ela foi mordida e conseqüentemente infectada por um dos Profanos, só havia duas opções: matá-la já ou prendê-la até a transformação, e então empurrá-la para o lado de fora da cerca. Como minha mãe ainda está consciente, eles irão perguntar a ela e deixá-la decidir.

Ter uma morte rápida e salvar sua alma ou levar uma existência entre os Profanos.

Nós aprendemos na escola, que no início, logo após o Retorno, aqueles que fossem atacados não tinham essa escolha. Eles eram abatidos imediatamente. Isso foi antes da situação mudar, quando parecia que eram os vivos que tinham perdido a batalha.

Mas então uma das pessoas que havia sido infectada – uma viúva – foi ter com as Irmãs e pediu-lhes que a deixassem encontrar seu marido na Floresta. Suplicou que lhe dessem o direito de respeitar os seus votos de casamento junto do homem que ela havia escolhido e amado. Os vivos já tinham se estabelecido nesse local – tinham criado um local seguro dentro de um mundo rodeado por Profanos. A viúva apresentou um excelente argumento: a única coisa que separa os vivos dos Profanos é a liberdade de escolha, o livre-arbítrio. Ela queria ter o direito de optar por estar com seu marido. As Irmãs debateram o assunto com os Guardiões mas a Irmandade sempre tem a palavra final. Elas decidiram que um Profano a mais não iria aumentar o perigo para a comunidade. Então, a viúva foi levada até a cerca onde os Guardiões a mantiveram presa até que ela sucumbisse à infecção. Depois, empurraram-na através do portão, mesmo antes dela morrer e regressar como Profana.

Não consigo entender como deixaram uma velha senhora enfrentar tal destino, mas imagino que seja isto o direito de poder escolher.